

# De música, literatura e línguas: meus caminhos na Linguística e os universos indígenas\*

Marília Facó Soares<sup>a</sup>

## Resumo

*Pela via da memória, este texto reconstitui parte de um percurso de estudos que, sendo pessoal, revela campos de conhecimento que se interpenetram e, ainda, um sujeito que narra e se constitui no próprio processo de narrar. O texto narrativo surge aqui como produto de um esforço interpretativo que, sendo também das áreas de Linguística e Literatura, coloca em cena pesquisadores, instituições, universos indígenas e reúne mundos próximos e distantes.*

**Palavras-chave:** *narrativas; memória; línguas indígenas; Linguística; Literatura.*

---

\* Texto escrito com apoio, em parte, no meu memorial para promoção a Titular, ocorrida em 03 de julho de 2015 (Departamento de Antropologia, Museu Nacional/UF RJ). A narrativa que este texto contém é dedicada aos meus pais - uma forma de render homenagens a duas pessoas fundamentais, que amo, sem as quais não teria chegado a conjugar caminhos e que já não posso mais abraçar.

Recebido em: 25/07/2019

Aceito em: 31/01/2020

<sup>a</sup> Programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdade de Letras. Programas de Pós-graduação em Antropologia Social e do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas do Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora IC do CNPq (bolsa de produtividade em pesquisa). E-mail: marilia@acd.ufrj.br.

## **Princípio: as três grandes fontes de interesse**

Minha mãe era urbana; meu pai, um homem de alma campestre que percebia beleza no vento que agitava as árvores, o capim, os moinhos de vento das salinas; e que gostava de desenvolver projetos, não tinha medo do amanhã, nem do desconhecido. Ela, carioca; ele, um exemplar dos então chamados *papa-goiabas*.

Sou nascida do outro lado da Baía de Guanabara, em uma cidade que não cheguei a conhecer direito (São Gonçalo). De lá, meus pais saíram para morar em outros lugares do antigo Estado do Rio de Janeiro (entre os quais Macaé e Araruama), levando a mim e a meu irmão, os filhos nascidos até então e ainda muito pequenos. Por volta dos meus três anos de idade, assim me contaram, meus pais retornam ao Rio de Janeiro, de onde haviam saído logo após se casarem. Durante os anos seguintes, todos os lugares ligados à família do meu pai continuaram, porém, a ser parte da minha vida, mesmo porque meus avós paternos moravam na Região dos Lagos (onde meu avô possuía uma salina, de longa data na família) e sua ampla casa fazia a delícia das férias escolares de todos os netos. Assim, meus laços com certas paisagens já estavam selados. Muito mato, muita água, muito sol e uma quantidade imensa de sal – sal na água dos quadrados das salinas, sal puxado a rodo por homens de pele curtida sob um sol contínuo, sal nos armazéns de madeira com extremidades abertas, montes de sal acumulado, montanhas de sal iluminadas pelo sol. Essas paisagens iniciais são acrescidas de uma outra, composta por parte de um bairro de Belo Horizonte e do caminho que, de trem, levou a minha família até lá, devido às atividades profissionais do meu pai: aos dez anos de idade, embarquei, com meus pais, meu irmão e minha irmã recém-nascida, em um trem que nos levaria a todos a paisagens mineiras. No carro-leito, tendo obtido o privilégio de me deitar na cama de baixo (compartilhada com a minha mãe e a minha irmã), e com a vantagem adicional de poder estar com a cabeça voltada para a janela, vi desfilar, na noite que avançava, as paisagens que o trem cruzava e que os meus olhos insones não cessavam de sorver. Nos meus dez anos, aquele trem era o caminho para outro mundo. E estar a

caminho ou fazer o caminho passou a ser uma das constantes a traduzir a minha vida e o meu trabalho.

Até onde me é possível, pela memória, recuar no tempo, identifico como minhas três grandes fontes de interesse: as narrativas, a música e os meandros do que seria o grande mundo externo, aquele para além das portas e janelas da minha casa. O interesse pelo grande mundo – o do lado de fora, com seus múltiplos Outros – nasceu de uma curiosidade arrebatadora, curiosidade do intelecto que, anos mais tarde, veio a se revelar como científica (por que as coisas eram como eram, por que estavam ou não estavam lá, a que lugar conduziam os caminhos e o que haveria neles?). Adentrei o que seria o grande mundo, palmilhando-o em um percurso de interesse crescente. Sem ter sido linear, como sói acontecer, esse percurso me levou a outros universos, sobretudo ao universo indígena, na realidade, aos multiversos indígenas, pelos quais continuo apaixonada e muito me têm ensinado, e aos quais estou indissolivelmente ligada. Da música, posso dizer que chegou cedo em minha vida. Veio pelas mãos de uma tia-avó, pianista por vocação e profissão, e pela voz da minha mãe – uma pessoa com sensibilidade e formação musicais, que poderia ter construído uma carreira no canto lírico, caso tivesse sido essa a sua opção na vida. Assim, por uma influência familiar – a que me submeti com muito gosto – estudei música quotidianamente, por várias horas, e mais intensivamente dos 11 aos 19 anos, período em que fui aluna da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e percorri, além das aulas em instrumento, todos os cursos teóricos então disponíveis para a faixa de formação em que me encontrava (Teoria Musical, Ritmo e Som, Harmonia). Da música, conservei o encantamento pelo universo de sons, seu desenvolvimento rítmico no tempo, suas possibilidades de participação em diferentes construções harmônicas e polifônicas. Já o gosto pelas narrativas me levou aos livros e às bibliotecas. Sem desmerecer as bibliotecas escolares e o seu papel na minha própria vida, a primeira que verdadeiramente conheci foi a boa biblioteca de um tio que, casado com uma irmã de minha mãe, era advogado e intelectual. Sua biblioteca, a dois passos da minha própria casa, em um subúrbio no Rio de Janeiro, era plena de grandes autores, de obras completas dos melhores escritores das literaturas brasileira e portuguesa

aos grandes criadores da literatura estrangeira, alguns presentes nas melhores traduções, belas edições críticas e, em determinados casos, com obras acompanhadas de bons ensaios críticos. A literatura alimentou os últimos dias da minha infância, a minha adolescência e a minha alma, levando-me a outras paisagens e outros modos de ser. Foi (e é), para mim, um grande caminho para o aprendizado da relativização, da angulação por meio de diferentes pontos de vista. Permitiu-me também apreciar o tratamento estético dado à materialidade linguística – a mesma materialidade que já se vinha apresentando a mim, sob outras formas, na produção de diferentes pessoas dos diferentes lugares que, desde o princípio, me foi possível conhecer.

O encantamento pelos sons, o gosto pela fala, pelas vozes, pelas línguas e seus modos de inscrição, acrescido do gosto pela literatura estão na minha história, assim como estão na de tantas outras pessoas. Conjugados à vontade de *fazer o mundo*, ao desejo *de mundo*, o encantamento e o gosto me levariam às primeiras escolhas importantes e à mudança em meus caminhos.

Os anos de formação às portas da universidade. As portas para o mundo da pesquisa e escolhas.

Com o meu declarado e antigo interesse por línguas e literatura, cursei o então chamado curso clássico e, paralelamente, iniciei, aos 14 anos de idade, meus estudos de francês na Aliança Francesa do Rio de Janeiro. O curso clássico, inteiramente realizado em colégio público (nos tempos do bom ensino público no Brasil e com excelentes professores), conduziu-me, sem qualquer apoio suplementar em curso pré-vestibular, à universidade. Nessa época, eu havia me decidido pela inscrição em dois cursos em áreas do conhecimento diferentes e em universidades também diferentes: Jornalismo, da área de Comunicação (porque queria correr o mundo, escrevendo sobre acontecimentos no mundo) e Português-Literaturas, curso da área de Letras (porque amava a literatura e gostava das línguas). Efetuei as inscrições na Universidade Federal Fluminense (UFF), para o curso de Jornalismo; e, para Português-Literaturas, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, ainda, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), cujas provas seriam as últimas a realizar. Iniciei, então, as primeiras provas na UFF e na UFRJ, tendo sido

nelas aprovada. Um acaso – derivado da coincidência de data e horários em uma prova subsequente (Redação, no Jornalismo; e Latim, em Letras) - levou-me a efetuar uma escolha sobre qual prova realizar, uma primeira grande escolha que teria implicações sobre o meu destino. Escolhi fazer a prova de latim – o que me levou a abandonar o caminho do Jornalismo, a encaminhar-me para a UFRJ e, subsequentemente, a optar por não realizar as provas na UERJ. Terminei o vestibular na UFRJ de forma muito bem-sucedida, tendo obtido, em uma das provas (Língua Portuguesa), a nota máxima, o que teve efeitos na minha colocação final.

Ingressei na Faculdade de Letras da UFRJ, então localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro, como aluna de graduação do curso de Português-Literaturas. Quanto aos estudos de francês, esses, iniciados na adolescência, foram levados adiante juntamente com a realização do curso superior, proporcionando-me, além do contato direto com a literatura francesa, o domínio de uma língua estrangeira, o que me deu – conforme convênio firmado entre a Aliança Francesa e a Universidade de Nancy – o direito de ensinar essa mesma língua. Minha vida profissional se encaminhava, portanto, no sentido do ensino de línguas. Isso não só devido ao meu gosto por línguas, mas também por ter havido, durante o próprio curso de graduação, um certo desencanto meu com o tratamento dado, com honrosas exceções, a determinados textos literários, muitos dos quais de autores que eu já amava ou vim, naquela época mesmo, a amar. Eram os tempos do auge do estruturalismo em literatura, mesmo que se pudesse considerar que essa época já estava um pouco prolongada no contexto de uma universidade brasileira. Autores teoricamente importantes, como Roland Barthes, Michel Foucault, Algirdas-Julien Greimas, Tzvetan Todorov, entre outros, eram muito mencionados e pouco destrinchados em sala de aula. Havia um excesso de seminários em que os textos teóricos eram simplesmente apresentados pelos próprios alunos que ensaiavam, no próprio ato de apresentá-los, uma tentativa de compreendê-los, sem que qualquer chave prévia de compreensão lhes fosse fornecida. É claro que, nesse campo, houve as exceções, com bons professores que cumpriam o seu papel na abordagem de textos literários, na elucidação de um texto teórico aplicável à literatura e cujas aulas eu procurava.

Nesse sentido, preciso dizer que, como aluna de graduação, entre os bons professores que tive - professores vinculados à área de Literatura e que faço questão de citar - estão: *Heloisa Buarque de Hollanda* (em curso a que assisti como ouvinte e em que, entre os autores estudados, estavam Walter Benjamin, Hebert Marcuse e Theodor Adorno); *Samira Nahid de Mesquita*, *Marlene de Castro Correia*, *Abel Ferreira da Silva* (em cursos sobre Literatura Brasileira); *Maria Arminda Falabella de Souza Aguiar* (em cursos sobre Teatro do Absurdo, obras literárias de Sartre, o novo romance francês (André Gide e Marcel Proust)); *Maria Luiza Falabella* (em curso sobre a estética do século XX, com o estabelecimento de relações entre pintura e literatura). Não posso deixar de citar *Cleonice Berardinelli*, de quem, infelizmente, não me foi possível ser diretamente aluna em disciplina específica na graduação, mas a quem pude assistir, ainda durante a própria graduação, em aula magistral, sob todos os sentidos, sobre sebastianismo e messianismo (Literatura Portuguesa). Ao lado dos bons professores de literatura que tive, também havia bibliotecas à disposição (e eu tinha acesso, além da própria biblioteca da Faculdade de Letras, a outras bibliotecas, inclusive à excelente biblioteca, na época, da Maison de France, onde, naquele instante, eu realizava o meu curso de francês, envolvida, a essa altura dos acontecimentos, com os últimos anos do curso, direcionados para a literatura francesa). Mas, apesar das boas exceções e das bibliotecas, já estava instalada em mim uma ponta de desencanto com o modo como um determinado instrumental teórico era utilizado, aplicado à época a textos literários. Excessos de seminários (“seminarite aguda”), acompanhados de análises em que predominava um formalismo excessivo e redutor foram suficientes para mim: reduzir poemas, textos literários a fórmulas não era o que eu queria ou esperava ver em um curso sobre literatura. Para mim, a literatura era mais do que isso, mesmo porque obras literárias (como, de resto, todas as obras artísticas) são multifacetadas, não se deixando apreender unicamente por um ângulo. A ponta de desencanto mencionado não me fez amar menos a literatura, mas foi deixando claro, para mim, que eu poderia ser o que já era nesse campo: uma fruidora, muito mais do que uma analista ou praticante de análises nas quais, a maior parte do tempo, não acreditava. Assim, sobravam-me as línguas como objeto

de interesse – e vale a observação de que, naqueles anos, o meu pendor foi-se deslocando ou se acentuando para a sua análise e manifestações no mundo real. E aqui a Linguística fez o seu papel na minha vida. Considerar línguas reais e/ou hipotéticas, por meio de grandes conjuntos de dados, à primeira vista caóticos, e encontrar o fio da meada que levaria à descoberta de uma ordem, uma regularidade interna ao próprio objeto de investigação reacendeu em mim a curiosidade do intelecto, colocando-a no plano científico.

Ainda no início do curso superior, ao lado do interesse pela Linguística enquanto ramo do conhecimento, tive a minha atenção voltada para a questão do estudo de línguas indígenas, despertada que fora pela leitura de um texto para mim decisivo: “As tarefas da linguística no Brasil”, do Professor Aryon Rodrigues,<sup>1</sup> passado a mim e aos meus outros colegas de turma, por Ruth Monserrat, na época professora horista da Faculdade de Letras da UFRJ, vinda recentemente de Moscou (onde havia estudado) e minha primeira professora, propriamente dita, de Linguística. Eu tinha, então, 18 anos. Na metade do curso de graduação, comecei a tecer mentalmente projetos de orientar a minha formação no sentido de obter, em nível de pós-graduação, um aprofundamento em Linguística. Assim, preparando-me para isso, procurei, além dos cursos regulares de Linguística, realizar vários outros. Eu os fiz como aluna inscrita em cursos optativos, aqui incluído um sobre gramática gerativa transformacional (uma novidade, na época, em cursos de graduação) - curso ministrado, diante de uma turma lotada, pelo então jovem professor Humberto Peixoto Menezes, com base em referências bibliográficas e leituras disponíveis completamente em inglês; e os fiz ainda como ouvinte naqueles cursos que me interessavam, mas nos quais não haveria mais possibilidade de inscrição para mim (como um curso sobre correntes teóricas em Linguística, ministrado por Alzira Verthein Tavares de Macedo). Quanto ao estudo de línguas indígenas, não o incluí, naquele momento, em meus planos: desconhecendo a existência de um local e de pessoas por meio dos quais tais estudos adquiriram sua face concreta no Brasil, simplesmente não fiz projetos a respeito; ficaram, no entanto, latentes em mim o texto do Professor Aryon Rodrigues e o estudo das línguas indígenas – uma das tarefas, ainda hoje, mais prementes da Linguística no Brasil.

<sup>1</sup>RODRIGUES, A. D. “As tarefas da linguística no Brasil”. Estudos Linguísticos [s.l.], v. 1, n. 1, p. 4-15, 1966. Texto disponível em <http://www.etnolinguitica.org/text:rodrigues-1966-tarefas>.

Uma vez graduada e licenciada em Português-Literaturas, não pude, porém, submeter-me imediatamente ao processo de seleção ao Mestrado em Linguística: por motivos de sobrevivência, interrompi minha preparação e, por meio de concurso, habilitei-me a dar aulas como professor efetivo da rede de ensino médio do antigo Estado da Guanabara. Exerci o cargo por cerca de quatro anos. Dele me exonerei dedicar-me exclusivamente à Linguística, cujos estudos havia retomado um ano após a minha nomeação como professor de ensino médio.

O curso de Mestrado em Linguística foi realizado na Faculdade de Letras da UFRJ. Nele tive a oportunidade de aprofundar-me em fonologia, muito em função da entrada em cena, como docente da pós-graduação em Linguística, da professora Yonne de Freitas Leite, que havia então recentemente concluído o seu doutorado na Universidade do Texas, em Austin. A partir do meu interesse, pude tomar conhecimento da pesquisa em línguas indígenas que a professora Yonne Leite conduzia no Museu Nacional da UFRJ. O texto do professor Aryon Rodrigues voltou-me à mente e, vencendo o meu constrangimento inicial ante a uma professora que acabara de conhecer, resolvi, ao final de uma de suas primeiras aulas na pós-graduação, declarar-lhe o meu interesse em línguas indígenas, solicitando uma oportunidade de estudo dessas línguas. A professora Yonne marcou, então, um dia para eu ir ao Museu Nacional e conversar com ela a respeito dessa possibilidade. No dia marcado, apresentei-me à professora no Museu Nacional. Após a conversa, que não foi longa, Yonne Leite aceitou-me como sua estagiária e datilografou (sim, datilografou) o meu plano de estágio, um documento oficial que guardei,<sup>2</sup> como uma relíquia, juntamente com meus diplomas. Aceita, na tarde do dia 22 abril de 1976, como estagiária da professora Yonne de Freitas Leite no Museu Nacional da UFRJ, dei, mesmo que ainda não o soubesse, uma guinada em minha vida. Abriam-se para mim, naquele instante, pelas mãos de Yonne Leite, as portas do mundo da pesquisa.

Enquanto levava a termo o curso de mestrado, desenvolvia as atividades da minha nova condição, em conformidade com o plano de estágio traçado para mim. Na qualidade de estagiária do Setor de Linguística do Departamento de Antropologia do Museu Nacional da UFRJ, colaborei nas atividades de rotina,

<sup>2</sup> Assim como tantos documentos e materiais que doe, meu plano de estágio foi destruído no incêndio que sofreu o Museu Nacional/UFRJ, em 02 de setembro de 2018.

atualizando os arquivos na parte de línguas Tupi, participei de projetos do Setor e desenvolvi pesquisas individuais. Até o ano de 1979, havia participado de dois projetos do Setor: *Redimensionamento do Setor Linguístico do Museu Nacional/UFRJ* e *Reconstrução Histórica do Tupi*, ambos coordenados pela professora Yonne Leite. Já havia também executado o projeto *Nasalização e Processo de Desnasalização em Línguas Tupi*, projeto individual cujos resultados me propiciaram a elaboração não só de uma comunicação sobre perda da nasalidade em Guajajara – a primeira comunicação científica de minha vida, apresentada na 29<sup>a</sup> Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em julho de 1977, na PUC de São Paulo,<sup>3</sup> mas também da minha dissertação de Mestrado sobre perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em três línguas da família Tupi-Guarani (SOARES, 1979)<sup>4</sup> e de um estudo diacrônico que, relacionado com o meu projeto de dissertação, tinha por objetivo a classificação do Kayabí na família Tupi-Guarani.

Em março de 1979, fui admitida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro como professora colaboradora de Linguística do Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras – cargo mantido até junho de 1980. Enquadrada como Auxiliar de Ensino (40 horas), pude passar – por meio de novas regras estipuladas para a carreira do magistério superior – à condição de Professor Assistente no ano de 1981, dado o fato de portar, desde outubro de 1979, o título de Mestre em Linguística.

Decidida a continuar com as minhas atividades de pesquisa com línguas indígenas, não me desliguei do Setor de Linguística do Departamento de Antropologia do Museu Nacional. Paralelamente às minhas atividades de magistério na Faculdade de Letras, dedicava todas as minhas horas de pesquisa ao estudo de línguas Tupi, levado a cabo no referido Setor – situação que me valeu uma dupla identidade na Universidade: professora da Faculdade de Letras e estagiária do Museu Nacional, ambos considerados como Unidades da UFRJ. No período em que essa situação se manteve, tive a minha atividade acadêmica enriquecida: sem ter diminuído o número de horas dedicadas às aulas de graduação por estar em Unidade que privilegia a docência (Faculdade de Letras), passei a desenvolver as minhas atividades de pesquisa como

<sup>3</sup>De acordo com registros da própria SBPC, “Em julho de 1977, a 29<sup>a</sup> Reunião Anual da SBPC foi proibida duas vezes, primeiro em Fortaleza e, depois, na USP. Contra a vontade dos militares, no entanto, a PUC decidiu ceder o espaço para sua realização.” Com o fim de arrecadar fundos e viabilizar a organização do evento, a SBPC fez um cartaz (ver <http://www.sbpnet.org.br/site/a-sbpc/historico/linha-do-tempo.php?decada=1970>).

<sup>4</sup>As línguas em questão eram o Guajajara, o Asurini e o Kokama – essa última então considerada como pertencente à família Tupi-Guarani, o que se revelou, mais tarde, como não verdadeiro, conforme a tese de doutorado de Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (CABRAL, 1995).

se estivesse lotada em uma Unidade em que o professor tem a possibilidade de dedicar-se prioritariamente à pesquisa (Museu Nacional). Nesse período, realizo, então mais alguns trabalhos: estudos sobre hierarquia referencial em línguas Tupi, juntamente com a linguista Ruth Monserrat, que eu havia reencontrado no Museu Nacional, após me tornar estagiária nessa instituição; elaboração de um formulário tipológico para a pesquisa em línguas indígenas (em colaboração com Ruth Monserrat e Tania Clemente de Souza). Esses trabalhos estavam inseridos no projeto *Tipologia das Línguas Tupi* executado não só por mim, mas também por Yonne Leite, Ruth Monserrat e Tania Clemente de Souza. Esse mesmo projeto estava, por sua vez, articulado ao projeto *Tipologia das Línguas Indígenas Brasileiras*, coordenado pela Profa. Miriam Lemle. No mesmo período, realizo também pesquisa de campo na aldeia Tapirapé (novembro e dezembro de 1981), em virtude de convite feito a mim pelas Irmãzinhas de Jesus, convite esse fruto de uma participação minha no curso de Introdução à Linguística Aplicada ao Estudo de Línguas Indígenas Brasileiras (destinado a indigenistas, apoiado pelo Conselho Indigenista Missionário - CIMI - e realizado em Brasília, de 03 a 18 de agosto de 1981). A minha presença nesse curso resultou de uma ação de Ruth Monserrat: impossibilitada, ela própria, de dar o curso, indicou a mim e a Márcio Ferreira da Silva para ministrá-lo, sendo que, uma vez incorporados como membros docentes do curso, acordamos que eu ficaria responsável pela parte de morfologia e sintaxe; e ele, por aquela referente à fonética e fonologia. No curso, estavam presentes pessoas que atuavam na área Tapirapé. Levada pelo desejo de investigar a ordem entre sintagmas das orações a partir de dados novos e de chegar, com isso, a um agrupamento interno das línguas Tupi que acolhesse a sintaxe, aceito o convite. Para a viagem à aldeia Tapirapé, localizada no Estado de Mato Grosso, converso com a professora Yonne Leite, responsável pela pesquisa da língua Tapirapé, e sou acompanhada por Tania Clemente de Souza, participante, como eu, do projeto *Tipologia das Línguas Tupi*. Da estada nessa aldeia, resulta o relatório “Notas sobre a alfabetização Tapirapé”, que contém longas partes redigidas com base na experiência de campo então vividamente fresca na memória e que apresentei à professora Yonne Leite. Nesse relatório, encontra-se a base sobre a qual se apoiaram outros

trabalhos: “Alfabetização Tapirapé: reflexões sobre uma experiência”, divulgado na XIII Reunião de Antropologia; e “Dos aspectos da morfofonêmica Tapirapé”, apresentado no VII Encontro Nacional de Linguística – ambos escritos em coautoria com Tania Clemente de Souza.

Em outubro de 1981, pelo fato de a professora Miriam Lemle, então lotada como docente no Museu Nacional (Setor de Linguística, Departamento de Antropologia), desejar transferir-se formalmente para a Faculdade de Letras, fui consultada em uma noite, por telefone, pela professora Yonne Leite, sobre o meu interesse em transferir-me para o Museu Nacional. O meu interesse, na realidade o meu gosto, de alguma forma já se havia tornado evidente. A minha resposta foi sim, com alegria íntima, porque eu estaria indo para uma instituição que privilegia a pesquisa e que permitia (como de fato permite) ao pesquisador usufruir de mobilidade e tempo para a realização do trabalho de campo – algo que constitui uma marca do Museu Nacional em diferentes áreas do conhecimento e que eu considerava, como ainda considero, fundamental para quem tem as suas investigações ligadas a povos e línguas indígenas. No dia seguinte à consulta que me fez a professora Yonne Leite, fui convidada oficialmente, em reunião de que participaram as professoras Yonne Leite, Charlotte Emmerich, Miriam Lemle e Ruth Monserrat, a transferir-me para o Museu Nacional, tendo sido o convite formulado por Charlotte Emmerich, então responsável pelo Setor de Linguística. Em processos de requisição formalmente independentes, porém conectados na prática, porque resultaram em permuta de docentes, a professora Miriam Lemle foi então formalmente transferida para a Faculdade de Letras, enquanto eu me tornei finalmente, de modo oficial, docente do Museu Nacional.

Passei a integrar o quadro de professores do Museu Nacional em fevereiro de 1982, tendo, a partir daí, reorientado minhas atividades. Busco uma nova área de pesquisa, e encontro-a entre os Tikuna : a língua Tikuna – uma língua tonal, falada pelo mais numeroso povo indígena na Amazônia brasileira, e com problemas relativos à sua classificação genética e complexidades tanto sintáticas quanto fonológicas – oferece-me os desafios de que eu necessitava, tendo sido eu apoiada por Charlotte Emmerich na minha escolha da língua Tikuna como objeto de estudo. Formulei, então, um projeto de descrição e

documentação dessa língua, que tem, no entanto, sua execução iniciada apenas em agosto de 1982, já que eu desejava levar a termo os meus compromissos com o projeto *Tipologia das Línguas Tupi*. Em julho do mesmo ano, são apresentados, na Reunião Anual da SBPC, mais dois trabalhos ligados a esse último projeto – “O sintagma relativo nas línguas Tupi” e “Um caso de juntura em línguas Tupi”. Tem início a execução do projeto *Descrição e Documentação da Língua Tükuna* [Tukuna, Tikuna, Ticuna], em que me voltei para a busca de uma maior compreensão dos fatos linguísticos observados. Nessa busca, a postura assumida pelo pesquisador foi a de uma terceira pessoa que, enquanto tal, procurou desenvolver as linhas básicas pelas quais se poderia chegar, posteriormente, à realização de um estudo prosódico integrado, com o estabelecimento das relações existentes entre níveis linguísticos. Os resultados então obtidos nessa busca se encontram configurados em três trabalhos:<sup>5</sup> “Alguns processos fonológicos em Tükuna”, publicado em 1986 nos Cadernos do IEL – Unicamp<sup>6</sup> (SOARES, 1986); “Traços acústicos das vogais em Tükuna” (SOARES, 1984), apresentado no VIII Encontro Nacional de Linguística (PUC/RJ) e igualmente publicado nos Cadernos do IEL-Unicamp; “Padrões rítmicos em Tikuna: elementos para uma relação entre som e estrutura”, apresentado no IX Encontro Nacional de Linguística, na PUC do Rio de Janeiro.<sup>7</sup> Os resultados obtidos justificaram a formulação de um outro projeto: “O Suprasegmental em Tikuna e a Teoria Fonológica”, que veio a desembocar na minha tese de doutorado. Esse último projeto, que era um prolongamento natural do anterior, visava não só à realização de um estudo integrado da prosódia de uma língua indígena, mas também à compreensão do modo como se estabelecem as relações entre níveis linguísticos, com a conseqüente contribuição à formulação de uma teoria fonológica que capturasse tais relações. Em outros termos, o que na época pretendia com o projeto era, com base no estudo de uma língua indígena, alcançar uma integração entre o fonético, o fonológico e os demais níveis linguísticos, buscando, com isso, contribuir para que se pudesse repensar a própria fonologia e o seu lugar nos modelos linguísticos. Os resultados desse projeto integraram a tese de doutorado em Linguística submetida ao Programa de Pós-Graduação da Universidade de Campinas – no qual havia ingressado mediante seleção e

<sup>5</sup> Ao longo do tempo, há oscilações na grafia do grupo em questão e de sua língua (por exemplo, Tükuna, Tükuna, Tikuna, Ticuna). Meus primeiros trabalhos refletem isso de modo datado, tendo havido, posteriormente, notas explicativas sobre determinadas opções de grafia. Hoje em dia, são os próprios intelectuais do grupo que discutem essa questão. Aqui, excetuando-se títulos de trabalhos já publicados, fixaremos a grafia Tikuna.

<sup>6</sup> Este trabalho foi o primeiro que escrevi sobre o Tikuna, embora não tenha sido o primeiro a ganhar publicação. O primeiro a ser publicado foi aquele sobre traços acústicos das vogais nessa língua, na realidade, o segundo que elaborei.

<sup>7</sup> O Encontro Nacional de Linguística, promovido pela PUC no Rio de Janeiro, foi, até um certo ponto da década de 1980, o grande encontro seletivo da área de Linguística.

para o qual havia preparado e apresentado o ensaio “Um caso de deriva em Urubu”.

Uma vez em fase de orientação de tese, ocupei-me das viagens de campo, da elaboração da tese e da divulgação dos trabalhos com ela relacionados. Preciso dizer que todo o período compreendido entre os anos que antecederam imediatamente a minha entrada no ensino superior e aquele em que obtive o título de Doutora (1992) - um longo período, no meu caso - foi muito rico para a minha formação. Conheci e convivi com professores e pessoas admiráveis. Para esse mesmo período, vale o registro de que sempre contei com o financiamento, para as minhas atividades de pesquisa, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, desde uma simples bolsa de aperfeiçoamento a bolsas de pesquisa<sup>8</sup> e de doutorado, passando pelos auxílios recebidos para as viagens de campo. O modo como todo esse tempo de maturação veio a frutificar encontra-se presente nas próximas páginas. No que se segue, o mais importante não é a ordem cronológica dos acontecimentos, mas o entrelaçamento de determinados fatos e experiências como elementos condutores de determinados temas. Assim, nas páginas seguintes, os recortes são temáticos, compondo os temas partes que considero importantes no meu percurso e que, de certa forma, o explicam.

### **O trabalho de campo, a coleta de dados e um modo de trabalhar**

O trabalho de campo e as possibilidades abertas à pesquisa foram determinantes para a minha escolha pelo Museu Nacional. Não foi sem razão que privilegiei o trabalho de campo associado ao envolvimento com falantes indígenas, uma vez que o considero fundamental e retroalimentador das atividades desenvolvidas no espaço acadêmico. Afinal, sempre soube, desde os meus 18 anos, que o nosso petróleo linguístico estava aí. Além disso, foi em campo que tive o que considero bons *insights* e colhi a oportunidade de lidar concretamente com questões importantes para mim, como linguista. Trago para este espaço a memória de algumas delas - questões sobre tradução e interpretação, o grau de liberdade da fonologia em relação à sintaxe, a categorização da altura

---

<sup>8</sup> Nessa época, o CNPq contava com uma categoria que veio a ser posteriormente eliminada: a de Pesquisador III, por meio da qual era possível acolher - e apoiar com recursos - as investigações científicas de pesquisadores mestres, mas ainda não doutores.

da voz e a materialização de sua representação para falantes nativos de uma língua tonal, a análise linguística como meio de reflexão sobre a própria língua -, todas questões que, compartilhando um traço em comum, são perpassadas pelo campo e pelas estratégias que tive que encontrar para lidar com determinados desafios.

### **Tradução e interpretação; liberdade da fonologia em relação à sintaxe**

Uma vez entre os Tikuna, iniciei o meu estudo da língua de mesmo nome por aldeias no interior de um espaço privilegiado no contexto da grande área Tikuna no Estado do Amazonas: o espaço ou (sub)área a que se deu posteriormente o nome de Évare I, durante o processo de demarcação das terras Tikuna. Esse espaço é de grande importância por estar aí concentrada, em várias aldeias, mais de metade de toda a população Tikuna. Além disso, nele se encontra o local mítico de origem do povo Tikuna, o Évare. Ter iniciado o trabalho de campo por esse espaço, mais especificamente pelas aldeias Vendaval e Campo Alegre (nesta ordem), no município de São Paulo de Olivença, foi uma grande oportunidade, nascida de um contato prévio com o antropólogo João Pacheco de Oliveira Filho, professor do Museu Nacional, e com Jussara Gomes Gruber, na época pesquisadora vinculada ao Setor de Etnologia do Museu Nacional e estudiosa da cultura material Tikuna. Um outro contato prévio também foi importante para a escolha do meu ponto de partida para a pesquisa junto aos Tikuna: aquele com Marina Kahn, então professora na escola de Vendaval e, na época, casada com o indigenista André Villas Boas, então chefe de posto da FUNAI nessa aldeia.

Ao iniciar o meu trabalho junto aos Tikuna, pratiquei o que, em geral, todos os linguistas fazem ao se depararem com falantes indígenas bilíngues:<sup>9</sup> a elicitação de dados mediante a aplicação de questionários linguísticos ou formulação de questões que visam à obtenção de dados linguísticos e/ou esclarecimentos quanto a determinadas possibilidades da ordem do que é considerado linguístico. Eu vinha de uma experiência anterior que incluía uma participação na elaboração de um formulário tipológico para a pesquisa em línguas indígenas e uma aplicação desse mesmo formulário na aldeia

<sup>9</sup> Para a obtenção de dados linguísticos com falantes monolíngues, as estratégias a empregar são diferentes daquelas utilizadas junto a falantes bilíngues.

Tapirapé (no Mato Grosso). No início de um novo trabalho, desta vez entre os Tikuna, utilizei o formulário conforme o esperado, mantendo em conjuntos separados os cadernos e as fitas magnéticas nos quais registrava, respectivamente, as transcrições e as gravações dos dados coletados, à medida em que os coletava. Também controlei as velocidades de fala, a qualidade das gravações e levei em conta a realidade do grupo indígena e da comunidade específica em que estava, para realizar as necessárias adaptações ao formulário que utilizava e, ao mesmo tempo, ampliei-lo, no sentido de suas próprias possibilidades quanto a construções sintáticas e realizações correspondentes materializáveis na língua sob estudo. Como nem tudo na linguística que toma as línguas indígenas como seu objeto de interesse se resume à elicitación de dados, não deixei de registrar canções, entrevistas, discussões e narrativas. No entanto, conferir tratamento a algo para o qual não existe um roteiro (um *script*) previamente fornecido não é algo tão simples, mesmo naqueles casos para os quais se poderia pensar em uma representação por meio de uma dentre as diferentes propostas voltadas para o registro de produções linguísticas que ultrapassam o domínio da sentença. Isso porque, a meu ver, é preciso compreender esses últimos materiais sob uma ótica que incorpora a interpretação do falante nativo – o que somente se dá, creio eu, se se caminha na direção de uma tradução aproximada do que é dito na língua objeto de estudo. A tradução que chamo de aproximada não é, claramente, a tradução literal, porque não há sentido literal, e sim efeitos de sentido entre locutores. Também não é a tradução livre, que, conduzida pelas necessidades da língua receptora da tradução, elimina elementos importantes e constantes de um texto original ou a esse faz acréscimos indevidos por uma falta de compreensão maior do que se encontra nesse texto original. A tradução aproximada não é igualmente uma simples recomposição da tradução justalinear, tão necessária em trabalhos de Linguística que envolvem segmentação morfológica e a língua sob análise, sobretudo quando essa, menos conhecida, não é a língua do analista e a de seus leitores. A meu ver, a tradução aproximada, de alguma forma, tentaria apreender, tanto quanto possível, as possibilidades de interpretação de um original por um nativo, respeitando o movimento retórico desse original, sem impedir a existência de

uma tradução justalinear e sem se confundir com essa última. Como alcançar uma tradução aproximada assim concebida, ao se trabalhar com uma língua indígena? Essa, para mim, nunca foi uma pergunta retórica, mas uma pergunta real que mantém a sua atualidade e merece uma resposta. A partir do meu primeiro trabalho de campo entre os Tikuna, com um conjunto de textos coletados, foi forte, em mim, o desejo de me aproximar do texto original. Afinal, como chegar perto desse original, tentando minorar os riscos do engano? Naquele momento, a minha iniciativa foi a de me valer de uma estratégia que, intuitivamente, encontrei. Eu viajava com dois gravadores: um deles um UHER cuja especificação completa não tenho, neste instante, à mão, mas do qual posso dizer que se tratava de um equipamento sofisticado (e patrimoniado), propiciador de uma alta qualidade sonora, com várias possibilidades de controle por parte do usuário, inclusive com um contador que permitia ao pesquisador localizar, na prática, com precisão, todo e qualquer ponto no interior de uma gravação; e o outro, um gravador modesto, comum. Pensei em utilizar ambos para gravação e audição, mas com finalidades diferentes. O primeiro gravador foi usado para gravação e audição das produções linguísticas na língua indígena sob análise, sendo que a audição não estava destinada apenas a mim, mas também, em determinados momentos, a consultores nativos com os quais eu estudava, em separado com cada um deles, a produção textual Tikuna gravada, sendo que esses últimos consultores não eram os mesmos com os quais eu havia realizado a gravação, nem se encontravam necessariamente na mesma aldeia em que essa gravação havia se efetivado. Quanto ao segundo gravador, esse era utilizado para o registro das explicações, interpretações que me eram fornecidas pelo consultor nativo sobre os trechos que ele próprio ouvia na língua indígena em questão. A novidade nesse trabalho foi o fato de que optei por entregar o comando da tecla de pausa do gravador UHER ao consultor nativo que ouvia a gravação registrada nesse mesmo gravador. Ou seja, quem realizava as seções, recortando o texto original era o falante nativo que o ouvia e interpretava, sendo que eu tinha condições de verificar, no momento em que a tecla de pausa era acionada, o contador do gravador e, com isso, podia anotar as indicações constantes desse último e, conseqüentemente, registrar os pontos de corte efetuados pelo falante nativo. Esta

estratégia de trabalho, intuitiva e aparentemente simples, levou a um resultado interessante para questões de tradução e, ainda, para a abordagem de uma questão fonológica importante, as quais considero oportuno aqui lembrar e atualizar.

Nas sessões de estudo de texto com o consultor nativo, cada trecho recortado por esse consultor era objeto, primeiro, de uma tradução livre, a partir da qual surgiam os questionamentos sobre o que estava ou não materialmente no texto que pudesse justificar a primeira tradução fornecida. Eu perseguia a interpretação de um falante nativo, ao mesmo tempo em que verificava, no texto original, a materialidade que podia sustentá-la, assim como as suas condições de produção, o contexto linguístico, social e histórico passíveis de vínculo com tal interpretação. Esse foi (e é) um trabalho moroso, mas que acredito ter-me deixado mais perto do texto original e da tradução de termos conceptuais na língua alvo da análise. Com esse primeiro passo, pude alcançar a tradução completa de uma longa narrativa, respeitando o movimento retórico do original. E pude compreender um pouco mais não só os mecanismos gramaticais que estruturam o léxico da língua estudada, mas também tornar menos rasa, para mim mesma, a parte enciclopédica desse léxico. E, com esse mesmo primeiro passo, pude testar, bem mais tarde no tempo, perante conjuntos de falantes, inclusive numerosos, os meus próprios procedimentos, tendo sido confirmado muito do que eu havia feito no início da minha pesquisa. Mantenho esse modo de me aproximar de um texto original em língua indígena até hoje, considerando-o útil e interessante em termos de seus resultados.

Quanto à abordagem da questão fonológica que considero importante e veio à tona também por meio da mesma estratégia de trabalho, intuitiva e aparentemente simples, que expus há pouco, essa tem a ver com a noção de agrupamento fonológico. Conforme publicamos, em trabalho de 1991, realizado nas fronteiras entre a fonética e a fonologia e intitulado “Aspectos suprasegmentais e discurso em Tikuna” (SOARES, 1991), essa noção está ligada ao questionamento da ideia de que fenômenos fonológicos acabam por ser totalmente determinados pela estrutura morfossintática. Ao tentar ser mais clara na apresentação dessa noção, afirmei que o agrupamento fonológico é uma tentativa de determinação de agrupamentos rítmicos sem que estivesse na base dessa determinação a ideia

de que a estrutura morfológica e sintática termina por fornecer o domínio maior no interior do qual são desencadeados os processos fonológicos. Os grupamentos alcançados poderiam fazer supor que, na noção de agrupamento fonológico, poderia estar contido o antigo vocábulo fonológico ou, ainda, o grupo de força, não fosse o fato de que o agrupamento fonológico foi por nós colocado na perspectiva do falante nativo, e não na do analista. Assim, não se tratava de tomar os enunciados produzidos e de neles identificar elementos demarcadores de agrupamentos fonológicos. Ao contrário, tratava-se de recorrer ao falante nativo para que esse passasse ao pesquisador agrupamentos que poderiam ser efetivados se fossem outras as circunstâncias de produção de um determinado enunciado ou, ainda, se fosse outro o estilo utilizado pelo falante. Para a obtenção de agrupamentos fonológicos, buscamos fragmentar o texto, isto é, buscamos fazer com que o próprio produtor de um texto ouvisse e fragmentasse a sua produção ou, não sendo isso possível, que o texto fosse ouvido e fragmentado por um outro falante. No ato de fragmentar, um determinado falante poderia retomar um texto e, à medida que o escutava, poderia interrompê-lo a certos espaços de tempo – por meio do controle da tecla de pausa do gravador usado para a audição – e refazer sequências em um trecho do texto isolado. O papel do pesquisador, no que chamei de fragmentação do texto, consistia em solicitar ao falante que reproduzisse o trecho isolado, pronunciando-o em velocidade lenta e nele inserindo pausas. A inserção de pausas, no caso, deu-se por meio de uma fragmentação em que se falava parando e em que se falava “palavra” por “palavra”,<sup>10</sup> sem que se fornecesse ao falante qualquer definição de palavra e sem que esse mesmo falante pudesse ser considerado como alguém que efetivamente dominasse a escrita, uma vez que a relação do falante com a linguagem certamente mudaria com o domínio da escrita.

Explorar a noção de agrupamento fonológico por meio de um procedimento tal como o descrito levou a um resultado mais do que interessante, já que abriu caminho para a elaboração da hipótese que defendemos na tese de doutorado,<sup>11</sup> qual seja: a de que quanto mais baixa a linha métrica em que atuam determinados processos, mais independente seria o ritmo em relação à sintaxe. Prenunciada no trabalho em que apresentamos a noção de agrupamento fonológico (SOARES,

<sup>10</sup> Em face dos nossos objetivos, não consideramos útil, nesse ponto, fazer com que o falante baixasse consideravelmente a velocidade de fala, já que não estávamos interessados em fazer com que ele intuitivamente silabasse.

<sup>11</sup> O primeiro volume da Tese de Doutorado foi publicado pela Editora da UNICAMP, em 2000.

1991), essa hipótese foi explorada e confirmada alguns anos depois (SOARES, 1999). Longe de ser um procedimento herético em relação ao papel da sintaxe em modelos que consideram essa última como central, o procedimento por meio do qual se explora a noção de agrupamento fonológico se constitui em caminho para testar o quanto a sintaxe, em uma língua, é capaz de liberar a atuação da fonologia, mostrando onde essa confirma ou não a sintaxe e levando à elaboração de hipóteses explicativas a esse respeito.

### **Categorização da altura da voz e materialização de sua representação para falantes nativos de uma língua tonal**

Por volta do final dos anos 1980, formulei e registrei, na UFRJ, um primeiro projeto de dicionarização de formas linguísticas. À época em que a proposta contida nesse projeto foi elaborada, a categorização da altura na língua Tikuna (língua tonal) era algo que já vinha sendo alcançado por alguns falantes, muito por efeito de um trabalho que comecei a desenvolver com eles como parte do meu trabalho de assessora de Linguística para a educação indígena. Em 1986, na aldeia Campo Alegre, em um curso para professores Ticuna que atuavam nos primeiros anos do que hoje é o ensino fundamental,<sup>12</sup> enveredei pela questão da representação das melodias concretamente manifestas nos itens lexicais da língua. Depois de certificar-me sobre o conhecimento e a intimidade que os professores Ticuna presentes nesse curso tinham em relação à flauta de Pã (*tchecu*, seu nome na língua), propus que todos fossem ao mato buscar material para a construção de suas respectivas flautas. Voltaram com tipos de bambu, mas a escolha final sobre o material mais adequado recaiu sobre uma taboca mais resistente, mais durável. Para a construção da flauta, forneci palavras-chave que serviram como referência para a mensuração dos tubos. Prontas as flautas, começamos a trabalhar a representação material das melodias nas palavras: as palavras eram tocadas na flauta, cujo desenho, ao lado de cada palavra, tinha nelas marcados os tubos que estavam em jogo em sua constituição melódica, tubos esses redesenhados, em seguida, sob as sílabas constituintes de cada palavra. Ou seja: os falantes que estavam estudando

<sup>12</sup> Esse curso específico foi patrocinado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

a língua e que também eram professores na aldeia Campo Alegre, tiveram, a partir do momento em que a flauta foi manipulada e em seguida representada, um meio de realizar uma espécie de representação fonética de melodias manifestas em itens lexicais de uma língua tonal.<sup>13</sup> A flauta surtiu efeito ou, como se diz comumente, “pegou”. Foi introduzida pelos professores da época em suas aulas, sendo que se tornou, ao longo do tempo, parte dos materiais disponíveis a todos professores Ticuna, que são capazes de construí-la sempre que necessário, para fins de estudo da língua. Com presença constante em vários cursos de formação, foi levada como meio de representação para o dicionário Ticuna que, em construção, se foi ampliando. Construída na aldeia Campo Alegre, em 1986, a flauta de Pã contou, até um certo tempo, com cinco tubos de comprimento decrescente, correspondentes a cinco alturas fonéticas vinculáveis às sílabas. Com base em indicações dadas, em 1989, por falantes nativos, a flauta de Pã passou a contar com seis tubos – algo que se tornou aceito por um grupo maior de falantes em fevereiro de 1996, durante *Curso de Formação de Professores Ticuna em nível de 2º grau – Magistério*, na época conjuntamente organizado pelo *Magüta: Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões, Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues (OGPTB) e Universidade do Amazonas*.

No caso Tikuna, continuo a considerar que a representação de melodias tonais por meio de uma flauta que os falantes conhecem e podem apresentar nas escolas, às crianças e aos adultos, é o meio mais adequado, como primeira representação, para se falar sobre as palavras da língua e suas melodias. Não só porque isso foi progressiva e facilmente incorporado a uma prática escolar, mas sobretudo porque me parece evidente a relação, espontaneamente estabelecida pelo próprio falante, entre melodias tonais e música.

### **A análise linguística como meio de reflexão sobre a própria língua. Revelações**

Em meio a diferentes realidades indígenas que, até o momento, me foram dadas conhecer, sempre procurei utilizar instrumentos da Linguística para que falantes nativos tivessem a oportunidade de colocar no plano da reflexão seu conhecimento intuitivo sobre a própria língua, mesmo sem que

<sup>13</sup> Não discutiremos aqui, por limitações de espaço, o caso da representação de uma realização em contorno melódico por meio da flauta de Pã (*tchecu*).

qualquer termo técnico ou definições próprias da Linguística fossem explicitadas. Fiz (e faço) isso em diferentes lugares e grupos indígenas – no Amazonas, principalmente entre os Tikuna e, ainda, falantes de língua Pano no Vale do Javari, ao lado de outros grupos; entre indígenas do Mato Grosso de diferentes etnias; entre membros de determinados povos indígenas de Rondônia. Um tipo de experiência, porém, ficou-me vívido na memória, por envolver, simultaneamente, falantes de diferentes línguas, em uma situação de desafio.

Os acontecimentos deram-se em 2004, no Vale do Javari, em uma sala de aula no interior do prédio da FUNAI, em Atalaia do Norte. Eu havia sido convidada para, durante cerca de duas semanas, lidar, como linguista, com várias línguas indígenas do Vale e seus falantes em uma única sala de aula. Enquanto, mentalmente, traçava uma possível estratégia para lidar com cinco línguas diferentes, em uma única sala de aula, perante um número incerto de falantes de cada língua, recebi um primeiro impacto ao me ver, pela primeira vez, diante de todo o grupo de falantes. Era um número relativamente alto de falantes (cerca de 30), embora com desequilíbrios numéricos internos a cada grupo representado (os Marubo, por exemplo, etnia dominante no Vale do Javari, estavam maciçamente representados, o mesmo ocorrendo com os Mayoruna (Matsés); já os demais estavam em número muito menor, sendo que havia um único falante de Kulina (Pano)). O segundo impacto veio de um questionamento com origem entre os Mayoruna: antes propriamente das apresentações de parte a parte, um dos membros mais aguerridos desse grupo, em alto e bom som, quis saber como uma pessoa que não falava nenhuma daquelas línguas poderia querer “dar aula” dessas línguas para quem era falante. Sob o impacto do inesperado, respondi que não iria “dar aula das línguas”, mas que iria mostrar para eles como um linguista faz para descobrir como as línguas funcionam e que, assim, todos poderiam pensar e falar sobre o que acontece em suas próprias línguas. Arregimentando, então, a experiência que eu tinha sobre a aplicação de questionários linguísticos a falantes bilíngues, combinei com eles de dizer e escrever no quadro uma frase<sup>14</sup> em português, ato a que se seguiria o registro, no quadro e nos cadernos dos falantes, da frase correspondente em cada uma das línguas ali representadas. Naquela situação, era necessário lidar com o único tipo de

---

<sup>14</sup> Na ocasião, por razões de ordem prática, considerei melhor usar o termo frase, em lugar de sentença.

representação que todos conheciam – a escrita. Todos sabiam, em princípio, escrever na própria língua. Nem todos, porém, queriam ir ao quadro escrever as frases correspondentes em sua própria língua. Havia dúvidas e questões de instabilidade em relação à escrita, somadas ao que poderia ser uma timidez ante uma exposição pública. Muitos optaram por me ditar suas frases, tarefa de que me desincumbi com uma certa facilidade por já ter, àquela altura, orientado quatro dissertações e duas teses de doutorado sobre línguas Pano. E, embora meu contato com o Kanamari (família Katukina) estivesse se dando ali pela primeira vez, não me foi impossível lidar com a representação escrita de dados nessa língua, por ter percebido algumas regularidades nessa representação. À medida que cada conjunto de frases se apresentava, surgiam questões não somente em relação à escrita, mas também referentes à pronúncia (sendo que, em alguns momentos, em razão de perguntas dos falantes, eu aproveitava para introduzir determinadas noções de fonética, ao lado da representação fonética de certos segmentos e sequências). Cada conjunto de frases (mais propriamente, sentenças) era também uma oportunidade para ensaiar, com eles, a descoberta de morfemas e da estruturação interna de palavras e sentenças – o que era feito língua por língua. O interesse dos participantes aumentava progressivamente, na exata proporção do aumento de sua prática de análise diante dos dados que eles próprios produziam. E o mais interessante: não refletiam apenas sobre a sua própria língua, mas também sobre as línguas dos demais falantes ali presentes. Essa experiência, que começou impactada por um desafio, terminou de forma feliz. Nela ficou claro que era possível coletar dados e realizar uma análise com falantes nativos, como meio de levá-los a uma reflexão sobre a língua que falam. Alguns analistas prefeririam, talvez, separar esses momentos, deixando um nativo na condição de informante, apenas. No entanto, o trabalho com o falante na condição de participante ativo, pode estimulá-lo a ser também um pesquisador, além de nos ensinar bastante. A experiência aqui brevemente relatada poderia ganhar mais detalhes, caso houvesse mais espaço para isso. Porém, nesse relato breve, é preciso constar que, pela relação de interesse mutuamente construído com os falantes, também tive acesso a informações que, de outra forma, talvez ficassem mais escondidas e

levassem mais tempo para ser detectadas. Entre essas, estão, por exemplo: a de que entre os Matis, que são minoritários no Vale do Javari, há aqueles que adquirem Marubo como segunda língua, por razões políticas, já que esses últimos são dominantes no Vale; a de que é possível um casamento entre uma mulher Marubo e um homem Tikuna (grupo externo ao Vale cuja língua é geneticamente distante). Como soube disso? Durante o próprio trabalho com as línguas em causa, quando perguntava qual seria o correspondente de uma dada frase em determinada língua e alguém não identificado como falante primeiro dessa língua fornecia espontaneamente a resposta. Ou quando alguém, submerso no grupo referente a uma dada etnia, não resistia, diante do que ali se via como riqueza (a riqueza das línguas) terminava por se revelar como falante primeiro de uma outra língua geneticamente mais afastada - caso do homem Tikuna, inicialmente submerso entre os Marubo, compactamente dispostos na sala de aula de um prédio da FUNAI em Atalaia do Norte, em 2004.

A experiência com falantes de várias línguas no Vale do Javari dista, por alguns meses, de uma outra, vivida por mim na comunidade indígena Bugaio/Estrela da Paz - área Tikuna, no médio Solimões, município de Jutai, estado do Amazonas -, onde me foi possível encontrar, para um trabalho linguístico, membros das etnias Tikuna, Katukina, Kulina, Kokama, Miranha, aí reunidos com esse fim. Essa outra experiência mereceria uma narrativa própria, devido às suas peculiaridades (que incluem indígenas que têm o português como língua materna, caso corrente, na atualidade, dos Kokama e Miranha em território brasileiro; e falantes de uma língua indígena como primeira língua, caso em que se inserem, majoritariamente, os Tikuna, os Katukina (família Katukina) e os Kulina (família Arawá). Sem poder narrá-la aqui na íntegra, o que tomaria muito tempo devido às próprias peculiaridades envolvidas, posso dizer que, também nessa outra experiência, o estudo linguístico, ao ser desenvolvido juntamente com os falantes, se revelou como fator de potencialização de sua reflexão sobre a sua própria língua - o que, no caso indígena, tem como efeito, geralmente, o regozijo dado o caráter emblemático assumido pela língua para um povo que a fala.

## À guisa de conclusão

Trazidas para o espaço deste texto, algumas das experiências que vivi em campo apresentam um traço em comum no que diz respeito ao meu modo de trabalhar, que mantenho até os dias de hoje: a participação constante dos falantes nativos, participação ativa na construção de um conhecimento e à qual se alia a atividade do linguista, seja essa participação concretizada por meio de poucos ou mesmo de um único falante, seja ainda por um grande conjunto de falantes. Esse modo de trabalhar tem parte de seus detalhes presente em algumas publicações, além das que já citei (como, por exemplo, SOARES, 1996, 2000, 2001).

Se o trabalho de campo foi determinante na minha escolha institucional e me deu bons *insights*, alimentando a minha pesquisa, a vida acadêmica, por sua vez, proporcionou-me as possibilidades das interlocuções no âmbito intelectual, propiciando inúmeros tipos de aprendizados, o que se reflete inclusive na minha própria experiência em termos de pós-graduação, marcada pela atenção a possibilidades de interfaces entre a Linguística e outras áreas de conhecimento. Muito do que faço em Linguística liga-se a determinadas especialidades, havendo um peso importante, nesse fazer, das instituições por que passei. Para além disso, fica claro para mim, nesse meu ato de narrar o que é parte de uma memória acadêmica, que campos de conhecimento se interpenetram e que diálogos aparentemente improváveis se materializam por efeito do próprio processo inerente à busca de conhecimento. Se hoje, ao narrar, entendo melhor o que fiz e por que fiz (o que não era tão claro no próprio momento do agir); se me compreendo melhor, se consegui recuperar a minha formação musical e integrá-la, de algum modo, ao que faço em pesquisa; se me reconciliei com a Literatura, não exatamente pelo ângulo da fruição (que sempre esteve presente para mim), mas pela via das narrativas e das traduções aproximadas; é porque isso se mostra hoje, aos meus olhos, depois de tanto caminhar por pesquisas entre universos indígenas, como parte de um grande esforço interpretativo para lidar com um Outro distante, tornando-o mais próximo e, nessa tentativa, compreender a mim mesma.

## REFERÊNCIAS

CABRAL, A.S.A.C. *Contact induced language change in the Western Amazon: the non-genetic origin of the Kokama language*. 1995. 415f. PhD Dissertation - Graduate Faculty of Arts, University of Pittsburgh, Pittsburgh, 1995.

SOARES, Marília Facó. A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajara. 1979. 110f; Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979.

\_\_\_\_\_. Traços acústicos das vogais em Tükuna. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 7: 137-175. Campinas: IEL/Unicamp, 1984.

\_\_\_\_\_. "Alguns processos fonológicos em Tükuna". *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 10: 97-138. Campinas: IEL/Unicamp, 1986.

\_\_\_\_\_. "Aspectos suprasegmentais e discurso em Tikuna". In: E. Orlandi E. (org). *Discurso indígena. A materialidade da língua e o movimento da identidade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991. p.45-138.

\_\_\_\_\_. *O suprasegmental em Tikuna e a teoria fonológica*. Volume I: Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna. Volume II: Ritmo. 1992. Tese de doutorado - Programa de Pós-graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 1992.

\_\_\_\_\_. "A proposal for dictionarization of an Indian language". In: KRIEGER, M.G. (org.) Número especial da Revista *META, Journal des Traducteurs / Translators Journal* vol. 41, nº 2 :288-294, junho de 1996. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.

\_\_\_\_\_. "A contribuição do Tikuna às regras do ritmo e às relações sintaxe-fonologia". In: SCARPA, E.M. (org.) *Estudos de Prosódia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999. p. 189-252.

SOARES, Marília Facó. “Léxico, dicionário e dicionarização”. *Amazônia em Cadernos*, número 5. Manaus, Museu Amazônico, 2000a.

\_\_\_\_\_. *O suprasegmental em Tikuna e a teoria fonológica*. Volume I: Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

\_\_\_\_\_. “El léxico visto desde el proceso de dictionarización de la lengua Tikuna”. In: MELENDEZ, Miguel y MONTES, María Emília (org.) *Diferencias y similitudes en la estructura del léxico en lenguas aborígenes y criollas de América. Memorias de las publicaciones del CCELA*, volume 7. Bogotá, CCELA, 2001.

## Abstract

### **On Music, Literature and Languages: my paths through Linguistics and indigenous universes**

*This text reconstructs, through memory, a course of studies that, although being the result of one's personal choices, reveals not only interpenetrating fields of knowledge, but also a subject that is the narrator and constitutes, itself, the process of narrating. The narrative text appears here as the product of an interpretative effort that, encompassing also the areas of Linguistics and Literature, requires the interaction of its researchers, institutions, indigeneous universes, uniting near and distant worlds.*

**Keywords:** *narratives; memory; indigenous languages; Linguistics; Literature*